

## LABORATÓRIO DE LÍNGUAS NO ENSINO DA LÍNGUA JAPONESA

Helena Hisako Toida

Hoje, quando o ensino de uma língua estrangeira está tão em pauta — com diversas metodologias inovadoras, recursos técnicos cada vez mais sofisticados — vimos por meio deste apresentar uma visão geral do que vem a ser um curso de língua japonesa com o auxílio de um laboratório de línguas (doravante denominado L.L.).

O presente artigo se propõe a expor, em linhas gerais, os trabalhos desenvolvidos pelo curso extra-curricular e experimental de L.L., ministrado no Centro de Estudos Japoneses da Universidade de São Paulo (período de 1977 a 1982), no campo de ensino de língua japonesa para adultos (principalmente estudantes universitários), descrevendo rapidamente sobre as metodologias aplicadas no referido curso e suas dificuldades. E por fim, submeter a um exame crítico quanto aos objetivos desse tipo de ensino, suas metodologias, ao emprego de L.L. e de recursos audiovisuais e sua validade, levando-se em consideração o tipo de pessoal a qua atendemos.

O referido curso foi implantado em 1977 com a finalidade de complementar o Curso de Língua e Literatura Japonesa da USP (doravante denominado Curso Básico) auxiliando os alunos que não tivessem prévio e razoável conhecimento da língua japonesa <sup>(1)</sup>. Referimo-nos ao conhecimento prévio a aquisição da língua falada em família, em maior ou menor grau. Esse fenômeno era freqüente até aproximadamente 1980, e a partir de então, gradativamente, o número de alunos sem qualquer conhecimento prévio veio se acentuando, o que levou-nos a refletir e a reconsiderar sobre as metodologias e os recursos empregados na ministração das aulas.

A intenção de proporcionar contato com a língua falada foi muito válida, no entanto, não houve grande aproveitamento por parte dos alunos do Curso Básico, devido à incompatibilidade de horário, sendo as vagas oferecidas e preenchidas pelos alunos de outras unidades da USP.

Este curso de L.L. foi bastante procurado pela massa estudantil, pois era a primeira vez que a língua japonesa estava sendo ensinada com auxílio de um L.L. — inovação considerável no campo do ensino da língua japonesa no Brasil.

---

(1) As informações nos foram fornecidas pela Profa. Neida Kokubo, responsável pelo L.L. na época.

— Como funciona o laboratório de línguas.

Explicando resumidamente o funcionamento do nosso laboratório de línguas, temos o seguinte:

1 — Cabines contendo *booth recorder*, ou seja, gravadores devidamente equipados a fim de permitir exercícios individuais aos alunos: sistema de gravação por parte do aluno, sem que interfira na gravação do programa propriamente dito, fones de ouvido e microfones apropriados para esse fim. A cabine e a fita individuais têm a finalidade de proporcionar um estudo conforme a velocidade de cada aluno, sem prejudicá-lo, pois dessa forma, o aluno não perderia nenhuma frase por não poder acompanhar a velocidade da classe: ele poderá parar a fita, voltar e ouvir quantas vezes for necessário, naturalmente estabelecido um tempo-limite para terminar uma lição.

2 — Cabine de monitoragem, onde há o *console* de controle geral, ou seja, de todas as cabines dos estudantes, permitindo que o professor ou o monitor ouça os alunos durante os *drills* e faça correções de pronúncia, erros de estruturas, comentários, observações etc. Nesse processo, o aluno é ouvido sem que ele perceba, justamente para evitar inibições, pois é comum os alunos que, eventualmente, percebendo que estão sendo ouvidos, interromperem imediatamente sua fala. O sistema utilizado no curso é o LLC-2.

Até que o curso de conversação com L.L. se transformasse num curso para atender os principiantes (estudantes começando da estaca zero), foram necessárias muitas pesquisas e reflexões a cada etapa, que podemos dividir em 3 fases:

1 — de 1977 a 1978

Esta fase corresponde à etapa de estudo de materiais para L.L. organizados e publicados no Japão, na sua maioria destinados aos falantes de inglês. Portanto, houve necessidade de adaptações para o português em determinados trechos das lições, gravadas em fitas magnéticas (cassette), para possibilitar seu uso visando os brasileiros. Foi a fase preparatória do material propriamente dito e concomitantemente, da aplicação do mesmo e verificação de sua viabilidade no meio estudantil.

- 1.1. Carga horária: 1 a 2 horas semanais, proporcionadas de acordo com as possibilidades e necessidades do aluno.
- 1.2. Objetivos:
  - a) aperfeiçoamento das estruturas previamente adquiridas em família pelos estudantes;
  - b) treinar a compreensão auditiva, para que os alunos pudessem compreender melhor as aulas que seriam dadas em japonês nos anos superiores do Curso Básico <sup>(2)</sup>.

---

(2) Essas informações nos foram fornecidas pela Profa. Neida Kokubo.

Resumidamente, o L.L. apenas serviu como um auxílio àqueles que já possuíam alguma noção, principalmente em prol dos alunos do Curso Básico.

## 2 — de 1979 a 1980

Nesta fase ocorre a instituição do Curso de conversação em língua japonesa com auxílio do L.L., visando atender naturalmente os alunos do Curso Básico, mas reconsiderando o fato de que nem todos, ou pelo menos a grande parte, possuem conhecimento prévio da língua <sup>(3)</sup>. Dessa reflexão resultou na seguinte estruturação do curso:

- 2.1. Carga horária: 2 aulas semanais de 2 h em 4 estágios com 1 semestre de duração cada.
- 2.2. Objetivos: Lado a lado com a metodologia utilizada no Curso Básico — “método da descrição formal da língua” <sup>(4)</sup> — este curso pretendeu proporcionar ao aluno maior oportunidade de contato com a língua japonesa falada, a nível padrão <sup>(5)</sup>. Como já é do conhecimento de todos, a “língua é contato” e por isso, um curso de conversação desenvolvido paralelamente ao Curso Básico, proporcionaria maior aproveitamento dele próprio e ao mesmo tempo, adquirindo razoável capacidade de o indivíduo se comunicar na língua em questão, mesmo num nível elementar.

## 3 — de 1981 a 1982

Seguindo a carga horária de 2 aulas semanais de 1 h e 30 m, e considerando os mesmos objetivos da fase 2, apenas queremos ressaltar que esta corresponde à época de experiências com materiais novos e intensa utilização sistematizada de material de apoio como: gravuras, desenhos, slides e inclusive, vídeo-cassettes, ótimos para apresentação de vários aspectos sobre o comportamento e o costume do povo japonês <sup>(6)</sup>.

Na etapa anterior, foi utilizado o material *Intensive Course in Japanese* e nesta fase, a título de experiência e estudo contrastivo com o primeiro, utilizamos o *Japanese Language Patterns* e o *Japanese for Today*.

Assim rapidamente descritas as fases por que passou o curso, gostaríamos de ater-nos agora ao programa do curso, aos problemas e dificuldades de cada estágio. Este programa corresponde às etapas

---

(3) Algumas informações nos foram fornecidas pela Profa. Alice Tamie Joko, responsável pelo L.L. na época. ?

(4) Vide “O ensino da língua japonesa para estudantes de nível superior” — Lídia M. Fukazawa. In: Estudos Japoneses IV, 1984.

(5) Nível padrão refere-se ao estilo DESU/MASU, ou seja TEINEITAI (estilo polido).

(6) Trabalho desenvolvido em conjunto com Junko Ota.

2 e 3, ou seja, de 1979 a 1982, com algumas complementações na etapa 3.

## 1 — Silabarização

Atualmente há diversos cursos que não dão a parte escrita, restringindo-se à parte oral baseada em L.L. ou fazem uma apostila com transliteração da língua-objeto no alfabeto. No caso do japonês, isso seria perfeitamente possível, pois ele próprio possui o sistema *RÔMAJI* (escrita romana). No entanto, nesse caso surge o problema da necessidade de “alfabetizar” conforme as regras do *RÔMAJI* que difere um pouco da grafia em português<sup>(7)</sup>. Assim, optamos por reservar algumas aulas para silabarização direta do que “alfabetizar” em *RÔMAJI*<sup>(8)</sup>.

Por outro lado, tratando-se de ensino para adultos, é impossível de proibir-lhes de tomarem qualquer nota (transcrição fonética conforme o português) sobre a matéria dada, e isso pode acabar tornando-se um vício. Isso só viria a dificultar a assimilação da escrita quando o aluno se ver frente à real necessidade dela, uma vez que a aprendizagem de qualquer língua estrangeira se completa com as quatro funções em uso: ouvir — falar — ler — escrever.

Levando-se em consideração tais fatos, optamos pela silabarização no início do 1º estágio. O material utilizado foi *Nihongo: KANA — Uma introdução ao silabário japonês* (The Japan Foundation — texto e fita).

Cada aluno possui uma apostila em que possa treinar a escrita, ouvindo a fita e repetindo cada palavra para ir assimilando os caracteres e sua respectiva pronúncia. O melhor exercício para isso é o ditado dado ao término de cada lição.

Algumas das dificuldades apresentadas pelos alunos são:

- a) quando um determinado fonema não existe no sistema fonético do português. Exemplos:
  - /ga/, /gi/, /gu/, /ge/, /go/ quando aparecem a partir da segunda sílaba, tornam-se nasalados e os alunos trocam muito com /m/ ou /n/: *migi* com *mimi*, *kagu* com *kanu*;
  - /ya/, /yu/, /yo/ que muitos pronunciam /ia/, /iu/, /io/: *yane* como *iane*.
- b) sons ejectives — distinguir a pronúncia de consoantes dobradas onde há uma pausa entre as sílabas com duração de 1 sílaba.

---

(7) *Hebonshiki* — Sistema Hepburn sistema utilizado para fazer a transliteração do japonês em alfabeto.

(8) Vide “Reflexões sobre o emprego da escritura no ensino de japonês” — Elza T. Doi. In: *Estudos Japoneses* V, 1985.

Ex.: *kitte* “selo”, *sekken* “sabonete” Na verdade, esse tipo de pronúncia ocorre em determinadas pronúncias no português também, por exemplo, quando dizemos: *quite* ou *seca* só que não tão acentuadas como no japonês.

- c) sons longos — distinguir o alongamento da mesma vogal com duração de uma sílaba. Ex.: *koori* “gelo”, *oneesan* “irmã mais velha dos outros”
- d) muitas vezes o aluno sente dificuldade em pronunciar os termos estrangeiros com adaptação fonética ao japonês, pois o termo é transcrito em *katakana*, o mais semelhante possível da pronúncia original. Assim, por exemplo: *milk* (ing.) passa para *miruku* no japonês e *coup d'État* (fr.) passa para *kûdetâ*.

O aluno aprendeu em inglês *milk* e essa pronúncia fixada interfere na do japonês *miruku*, fazendo com que ele sinta certa resistência em pronunciar *miruku*. O mesmo fenômeno ocorre com nomes próprios. Os casos mais freqüentes são: *Tôkyô* sendo pronunciado *Tóquio* e *Amerika*, *América*.

## 2 — Programa de ensino das estruturas da língua japonesa

O processo para dar 1 lição nesse curso é o seguinte:

### A — pré-laboratório

Esta etapa constitui de aulas expositivas em sala de aula. São dadas explicações sobre as estruturas básicas e o vocabulário sem traduções na medida do possível. Nesta etapa é preciso muita habilidade do professor para fazer os alunos entenderem as estruturas através da mímica (*body language*), gravuras, flash cards, slides, organizados devidamente de acordo com o uso. A lista de vocabulário é distribuída somente após a explicação de estruturas. Quanto às noções de cultura, são dadas em português pois neste caso, o destaque passa a ser dado ao contexto cultural.

### B — Treinamento em L.L.

Cada aluno possui sua própria fita cassette com as lições previamente gravadas, possibilitando dessa forma, progressão de estudo individual para cada um. Cada lição é estruturada conforme o que segue:

— Primeira parte: Diálogos (situação da cena explicada em português)

Ex.: “De manhã, o Prof. Yamakawa entra na sala de aula”

— *Ohayô gozaimasu.* /Bom dia/

— *Ohayô gozaimasu. Watashi-wa Yamakawa desu.* /Bom dia.  
Eu sou Yamakawa/

AGORA REPITA:

— *Ohayô gozaimasu.*

— (pausa para o aluno repetir) etc.

— Segunda parte: Exercícios (*drills*) para automatização

1. de substituição de um ou mais elementos, estes podendo ser substantivos, adjetivos, verbos formas flexionadas etc., sempre com os exemplos indicados no início de cada exercício. Ex.:

— Responda conforme o exemplo a seguir: ( )

— *Watashi-wa amerikajin desu. (nihonjin) /Eu sou americano. (japonês)/*

— (pausa para o aluno responder)

— *Watashi-wa nihonjin desu. /Eu sou japonês/ (resposta correta)*

2. de repetição de frases para maior fixação. Ex.:

— Ouça com atenção e repita as seguintes frases:

— *Yamakawan-wa sensei de, ano hito-wa gakusei desu. /Sr. Yamakawa é professor e aquela pessoa é estudante/*

— (pausa para repetição)

3. de formulação de perguntas. Ex.:

— Formule perguntas adequadas às respostas dadas a seguir:

— *Koko-wa Shinjukueki desu. /Aqui é estação Shinjuku/*

— (pausa para resposta)

— *Koko-wa doko desu ka? /Onde é aqui?/ (resposta correta)*

A resposta correta gravada a seguir possibilita o aluno a fazer correção imediata do erro caso haja (sistema *fourphase*) e também o estudo comparativo realizado pelo aluno entre a sua voz gravada e a do *native-speaker*, tarefa muitas vezes realizada em casa. Esse sistema de comparação é ótimo pois leva o aluno a estudar sozinho, e ouvindo várias vezes, acabará por assimilar não só a estrutura como também a entonação correta.

### C — pós-laboratório

Há a retomada das estruturas automatizadas em L.L., sob forma de perguntas e respostas entre o professor e o aluno ou entre dois alunos, e também por meio de exercícios escritos para fixação das estruturas básicas. Diálogos livres só teriam lugar após considerável aquisição de estruturas e vocabulário.

Como foi dito anteriormente, entre 1981 e 1982, houve adaptações dos programas de vídeo-cassettes para complementar as lições na medida do possível. Mesmo não havendo uma compreensão total (termo por termo) dos diálogos de um determinado programa ou filme, o vídeo tornou-se um grande auxiliar para ilustrar o comportamento e os hábitos inerentes ao povo japonês.

Na fase de assimilação de estruturas mais elementares (centralizada nos 2 primeiros estágios), podemos citar algumas dificuldades surgidas durante o curso:

— quanto às estruturas:

- 1) uso de *joshi* (partículas indicativas de casos ou enfáticas).

Ex.:

— *Watashi-WA* Paulo *desu*. /Eu sou Paulo/

— *Tsukue-NO* *we-NI* *hon-GA* *arimasu*. /Há um livro em cima da mesa/

— *Kuji-NI* *okimasu*. /Acordo às 9 h/

Erros mais freqüentes são a sua omissão e o uso indevido delas. Por exemplo, podemos citar a troca do *NI* e *DE*: *NI* indica lugar fixo e *DE*, lugar onde ocorre a ação. Ex.:

— *Doko-DE* *sunde imasu ka?* /Onde você mora/

— *Kado-DE* *ii restoran-ga arimasu*. /Há um restaurante bom na esquina/

Em ambas as frases, a partícula correta a ser utilizada deveria ser o *NI* ao invés de *DE*.

- 2) flexão de *keiyôshi* (adjet.), *junmeishi* (adjet.), *dôshi* (verbos)

— *samui desu* /está frio/ na forma conclusa, p. ex.: *samuideshita* ao invés de *samukatta desu*;

— *kirei desu* /É bonito/ na forma conclusa: *kirekatta* ao invés de *kireideshita*;

— *ikimasu* /vou/ na forma conclusa negativa: *ikimasenkatta* ao invés de *ikimasendeshita*;

— *atarashii-NA* *hon* ao invés de *atarashii hon* /livro novo/;

— *kirei hana* ao invés de *kirei-na hana* /flor bonita/.

- 3) sufixos numerais, peculiares à língua japonesa e além do mais que são em grande quantidade. Ex.:

— *Enpitsu-ga san-MAI arimasu*. /Há três lápis/, usando o sufixo para contagem de folhas de papel *MAI* ao invés de *BON* que seria o correto no caso<sup>(9)</sup>.

— quanto às condições sócio-culturais

Os *nisei* possuem o conhecimento oral passivo em escala muito maior que o oral ativo — entendem bem mas não conseguem se expressar na mesma medida da compreensão. Este fenômeno chega a ser um bloqueio até que o aluno se conscientize de que a fala não treinada devidamente para tal fim, não obedecerá ao comando do racio-

(9) Para maiores detalhes sobre as características de língua japonesa, vide: "Sobre a estrutura da língua japonesa" — Tae Naito. In: Estudos Japoneses I, 1973 e o artigo referido na nota (3).

ínio, embora esteja entendendo perfeitamente o que lhe está sendo dito.

Nos dois primeiros estágios o diálogo livre dado em sala de aula é baseado principalmente nas estruturas dadas durante o curso e nos dois últimos, ele se torna literalmente mais livre. O aluno tem a liberdade de ir complementando o diálogo com seu conhecimento extra-curso com o auxílio do professor ou introduzindo novas estruturas necessárias àquela situação de fala. A finalidade destes diálogos é desenvolver no aluno o desembaraço, a espontaneidade de expressão, fazendo-o criar situações com maior toque de realismo possível — seria um mini-teatro, onde ele terá que representar bem o seu papel. Para que uma sala de aula se transforme num cenário — salão de chá, escritório, casa de um amigo — e os alunos, em ótimos atores — garçons, clientes, pais de um amigo — o professor deve se empenhar em fazer com que cada aluno se sinta à vontade para qualquer manifestação, considerando-se que é uma etapa importante para verificar o nível de assimilação de cada aluno, talvez mais importante do que uma avaliação.

Nesta etapa, normalmente os alunos que tenham alguma noção adquirida no meio familiar ou em outros cursos, parecem demonstrar maior desembaraço diante das situações criadas. No entanto, ocorre um problema, particularmente em relação aos descendentes de japoneses:

- a) interferência da linguagem familiar, muitas vezes coloquial (destituída de polidez), dificultando a *reassimilação* do estilo padronizado. Ex.: *shiyoru* ao invés de *shiteiru* /Está fazendo/;
- b) interferência de uma linguagem criada entre os integrantes da “colônia japonesa”: tradução literal de alguns termos, por exemplo. Usa-se o *nageru* /jogar bola/ ao invés de *suteru* /jogar fora (lixo)/, *toranpu-o nageru* /jogar cartas ao longe/ ao invés de *toranpu-o suru* /jogar carta/.

Esses são alguns dos problemas que pudemos observar durante as horas reservadas para diálogo livre dos estágios mais avançados. Isso era mais freqüente nesses estágios pois havia alunos com razoável conhecimento que ingressavam neles sem passar pelos estágios 1 e 2.

No final de 4 estágios assim estruturados, o aluno chegaria a que nível? Teoricamente, no caso do programa ser cumprido com 10 lições cada estágio, perfazendo o total de 40 lições, o aluno poderá atingir nível razoável para se comunicar, transmitir suas idéias, opinar sobre algum fato. Mas o que é mais importante é que nível a alcançar depende do aluno, da sua disposição em relação ao curso, e também da sua adaptabilidade ao método. Não haverá uma fórmula perfeita para resultar na assimilação total quando se trata de aprendizagem de uma língua estrangeira, da mesma forma que não existe um método de ensino perfeito.

Como já referimos anteriormente, a partir de 1980 parece haver uma tendência geral para a diminuição do número de pessoas que têm conhecimento prévio da língua japonesa, o que não era tão acentuado antes de 1980. Este fenômeno nos levou à maior conscientização em considerar a língua japonesa como qualquer outra língua estrangeira, independente de o aluno ser ou não descendente, servindo de grande orientação para implantar o Japonês Audio-Visual como curso optativo da Faculdade de Letras da USP.

O ensino de japonês com o auxílio do laboratório não se resume em apenas 4 estágios, de maneira alguma, e nem as metodologias de ensino se restringem às que foram descritas. Esse campo sempre estará sujeito às modificações, às inovações que teremos de acompanhar passo a passo. Mas se esses dois anos de curso de L.L. serviram de iniciação para que o aluno tivesse noções da língua falada com a finalidade de facilitar seus estudos posteriores sobre a língua japonesa, podemos dizer que o L.L. cumpriu com sua missão dentro das expectativas que lhe foram atribuídas.

## BIBLIOGRAFIA

- ALFONSO, Anthony — *Japanese Language Patterns*. Tokyo, Sophia Univ., 1974.
- DE GRÈVE, M. e PASSEL, F. — *Linguística e Ensino de Línguas Estrangeiras*. São Paulo, Pioneira, 1975.
- DOI, Elza T. — "Reflexões sobre o emprego da escrita no ensino do japonês" *In: Estudos Japoneses V, CEJ, 1985, p. 5-10.*
- FUKAZAWA, Lídia M. — "O ensino da língua japonesa para estudantes brasileiros de nível superior". *In: Estudos Japoneses IV, CEJ, 1984, p. 49-59.*
- JAPAN FOUNDATION — *Nihongo: KANA an introduction to the japanese syllabary*. Tokyo, J. F., 1978.
- JAPAN FOUNDATION — *Nihongo: KANA uma introdução ao silabário japonês*, Tokyo, J. F., 1979.
- JAPANESE LANGUAGE PROMOTION CENTER — *Intensive Course in Japanese Elementary Part. I & II*. Tokyo, J.L.P.C., 1971.
- LAMÉRAND, Raymond — *Teorias de Instrução Programada e Laboratórios de Línguas*. São Paulo, Pioneira, 1977.
- NAITO, Tae — "Sobre a estrutura da língua japonesa". *In: Estudos Japoneses I, 1979, pp. 77-90.*
- OSAKA UNIV. FOR FOREIGN STUDIES — *Japanese for Today*. Tokyo, Gakken, 1973.
- PASSEL, Frans van — *Ensino de línguas para adultos*. São Paulo, Pioneira Edusp, 1983.
- STACK, Edward M. — *The Language Laboratory and Modern Language Teaching*. New York, Oxford Univ. Press, 1960.